

O HOMEM, O SENTIDO DA VIDA, O TEMPO E A MORTE EM A PALAVRA E A PALAVRA, DE HORÁCIO DÍDIMO

Francisco Wellington Rodrigues Lima

Marcos Paulo Torres Pereira

Introdução

Viver e entender o sentido da vida; acreditar em Deus, na sua existência e nos seus ensinamentos para a humanidade; buscar a fé; compreender que a morte é o caminho para um lugar Além (do ser e das suas expectativas); sentir que Deus é a Palavra e que o homem, a poesia da vida, é um ser efêmero..., são coisas que o poeta Horácio Dídimo¹ nos

1 Horácio Dídimo é Professor aposentado do Departamento de Literatura e da Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. Formou-se em Direito (UERJ) e Letras (UFC); é Mestre em Literatura Brasileira (UFPB) e Doutor em Literatura Comparada (UFMG). É autor de diversas obras no campo da poesia, ensaio e literatura infantil, entre as quais se destacam – Poesia: *Tempo de Chuva*, *Tijolo de Barro*, *A Palavra e a palavra* (*Amor, palavra que muda de cor*), *A Nave de Prata*, *Esperantaj Poemetoj*, *Piérvaia Titrat Rússkovo Izyká* (*Primeiro Caderno de Russo*), *A Estrela Azul e o Almofariz*, *A Nave Rubi*, *A Nave de Ouro*, *O Logólogo* (poemas metalinguísticos), *O Afinador de Palavras* (multilivro de poemas), *Poesia Mínima*, *A Estrela Azul da fé e da poesia*, *O Claviculário*, *O Livro dos Sonetinhos*. Literatura Infantil: *O Passarinho Carrancudo*, *Historinhas do Mestre Jaboti*, *As Reinações do Rei*, *Historinhas Cascudas*, *Festa no Mercadinho*, *A Escola dos Bichos*, *As Letras e os Números*, *Tempo de Sol*, *Exercícios de Admiração*, *O Menino Impossível*, *O Menino Perguntador*, *O Pequeno Poeta*, *Os Compadres Bichos*. Ensaio: *O Signo Poemático*, *Reflexões de um Passarinho Carrancudo*, *As Harmonias do Pai-Nosso*, *As Funções da Linguagem e da Literatura*, *As Funções da Literatura Infantil*, *Tipologia dos Personagens*, *Manuel Bandeira: Poesia e Personagem*, *A Contemplação da Face de Cristo*, *Poesia e Literatura Infantil*, *Panorama Poético da Literatura Cearense*, *O Pequeno Leitor*, *Poesia Brasileira: Tipologia, Deslocamento e Desrealização* (Dissertação de Mestrado), *Ficções Lobatianas: Dona Aranha e as Seis Aranhinhas no Sítio do Pica Pau Amarelo* (Tese de Doutorado). Memórias: *Lembranças de Lembranças*. Horácio Dídimo também é Membro da Academia Cearense de Letras, da Academia Cearense da Língua Portuguesa, da Academia de Letras e Artes do Nordeste, da Academia Brasileira de Hagiologia, da Academia de Ciências Sociais do Ceará e da Associação Brasileira de Bibliógrafos. É sócio honorário da Academia Fortalezense de Letras e sócio correspondente da Academia de Letras e Artes *Mater Salvatoris* (Salvador/Bahia). Membro da Comunidade Católica Face de Cristo. (DÍDIMO, HORÁCIO. *O Livro dos Sonetinhos*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016). Foi membro do **Grupo Sin de Literatura**, em 1968, constituído inicialmente por Horácio Dídimo, Linhares Filho, Rogério Bessa, Pedro Lyra e Roberto Pontes; aos fundadores uniram-se Barros Pinho, Yêda Estergilda, Leão Júnior, Rogério Franklin, Leda Maria, Marly Vasconcelos, Inês Figueiredo e Barroso Gomes. (SILVA, Fernanda Maria Diniz da. *Tradição e Modernidade na Produção Poética de Roberto Pontes*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, Ceará, 2017).

apresenta, de modo reflexivo em sua poesia, principalmente aquelas que fazem parte do livro *A Palavra e a palavra*, publicado em sua terceira edição no ano de 2002, pela Editora UFC. A referida obra, dividida em três partes – “Tempo de Chuva”, “Tijolo de Barro” e o “Passarinho Carrancudo” –, transita entre o sagrado e o transcendente; entre o concretismo e o surrealismo; entre a palavra e o silêncio; entre a presença do ser e o coração do ser; entre a poesia e o místico; entre o viver e o morrer; culminando assim numa perfeita harmonia entre literatura e arte; numa busca poética entre a criação literária e o sujeito que a cria; entre o eu poético e o eu mundano. Assim diz o Pe. F. Sadoc de Araújo no prefácio do livro:

O poeta percebe que a palavra humana pode expressar a beleza escondida no silêncio ontológico das coisas e o místico percebe que o silêncio das coisas pode expressar a beleza da Palavra Criadora. Em ambos, há uma busca pela plenitude de ser (...). Na criação artística realiza-se a síntese entre o sujeito e o objeto, a comunhão do eu com o mundo, a harmonia do espírito com a matéria (...). Tudo é transitório, instável e provisório, exceto a Palavra eterna (...). Cada poema aparece como resultante de um movimento dialético, em que o tempo, como tese, se exprime na composição dos versos; a eternidade, como antítese, se revela na mensagem bíblica que os envolve; a realidade existencial, como síntese, se condensa no título que sugere e anuncia a experiência estética vivida misticamente pelo poeta. (...) Viver é buscar a superação dos contrastes e da alienação do pecado. Ser homem é saber dizer não ao prosaísmo da palavra falsa e saber dizer sim à poesia da verdadeira Palavra. (ARAÚJO, 2002, Prefácio, p. 13-16).

Diante de tais palavras e da pluralidade e maturidade poética de Horácio Dídimo, podemos observar que o autor criou um universo complexo que mostra ao leitor dois tipos de palavra: 1. *A Palavra*, em maiúsculo, que representa o “o Verbo de Deus”; 2. *a palavra*, em minúsculo, que representa a linguagem humana, a sua poesia e oração. Assim, o poeta pode cultivar um conjunto dialético de palavras que pudesse nos levar ao êxtase de uma poeticidade plena e divinizada, bem como de

uma poeticidade da alma humana, natural e mística, pois o poeta, na sua concepção, percebe que a palavra humana esconde segredos e mistérios que, diante de uma “iluminação interior”, pode revelar-se “em seu maior esplendor” (ARAÚJO, 2002, p. 13-14). Sendo assim, o que nos interessa em *A Palavra e a palavra*, diante desse diálogo entre sagrado e o transcendente, é a questão do homem, do tempo, da morte, da vida e da fé; entender, dentro do contexto da Palavra/palavra, a condição humana e seus pensamentos acerca do viver e do morrer, focando o nosso olhar nos poemas que trazem o mote da vida, da efemeridade da vida e da certeza da morte.

O homem, o seu viver e a sua fé

O homem é um ser contraditório. Ele vive entre o sagrado e o profano; entre a luz e a escuridão; entre a justiça divina e os atos pecaminosos do Diabo. Assim, todas as ações poderiam levá-lo à perdição ou a Salvação. E, somente Deus e a fé no divino, poderia encaminhá-lo para a verdade e para o lado da justiça, pois Deus é a verdade e a justiça divina nunca falha. Deus tudo vê. (LIMA, 2010). Por isso, o homem deveria, acima de tudo, respeitar as leis divinas, tornar-se responsável pelos seus atos/ações e/ou atitudes executadas durante a vida terrena, uma vez que este é livre para fazer as suas escolhas. Somente o homem é capaz de decidir sobre as suas vontades e sobre os seus fortúnios e infortúnios da vida. O mundo é perigoso. O mal existe. O Diabo tenta. A carne humana é fraca. Precisamos de luminosidade e fé... precisamos buscar a verdade e viver em paz consigo mesmo, longe das tentações mundanas e das trevas. Com base no exposto acima, vejamos o seguinte poema de Horácio Dídimo:

o homem na cadeira de balanço

precisamos criar juízo
cumprir as determinações
e tornar enérgicas providências
precisamos coibir os abusos
respeitar os sinais do tempo
e outras normas regulares
precisamos ficar calados

diante de certas coisas
porque assim é melhor
precisamos evitar as mãos magras das visitas
os olhos noturnos dos gatos
e o apelo da verdade.

VÊ BEM SE A LUZ QUE HÁ EM TI
NÃO É TREVA
(Lc 11,35)
(DÍDIMO, 2002, p. 77)

A vida, conforme nos revela o poema, deve ser regrada. Precisamos viver a vida de modo obediente, seguir a nossa verdade, a nossa espiritualidade. Precisamos ter fé e ser verdadeiros em tudo, para que assim, possamos evitar as coisas maléficas do mundo e o mal existente dentro de nós. Criar juízo, ser determinado, tomar providências, “coibir os abusos”, respeitar os “sinais do tempo”, silenciar-se diante de certas coisas do mundo, evitar o mal e buscar a luminosidade e/ou a espiritualidade divina são elementos necessários para obter a luz dentro de si e distanciar-se das trevas, uma vez que a vida humana é algo perigoso e, ao mesmo tempo, divinal; que o homem sofre variações no seu modo de viver e de pensar a vida, Deus e o mundo; o homem é fraco; sobre a mente e o corpo humano pesam os perigos dos desejos carnisais, das tentações, bem como a compaixão de Deus. Assim diz Santo Agostinho (2008) sobre o homem, a vida, suas escolhas e o mundo:

Depende de nossa vontade gozarmos ou sermos privados de tão grande e verdadeiro bem, pois se a prudência não te parece o conhecimento daquelas coisas que precisam ser desejadas e das que devem ser evitadas (...) a vida passará a ser feliz ou infeliz, uma vez que tudo depende da nossa vontade (...) do nosso livre-arbítrio. (...) o merecimento está na nossa vontade e a recompensa ou castigo serão a beatitude ou a desventura. (...) O mundo era um lugar de passagem (...) e a vida, uma constante guerra contra os inimigos, as doenças e a danação (...) uma caminhada em busca de Deus. (AGOSTINHO, 2008, p. 56-62)

Portanto, viver em harmonia com Deus e buscar a simplicidade das coisas e gozar do verdadeiro conhecimento do mundo são normas regulares para aprendermos as lições impostas pela vida, pois, para Santo Agostinho, a vida seria “uma constante guerra contra os inimigos, as doenças e a danação (...). Ora, isso significa dizer que precisamos ser fortes e seguir os caminhos da vida com fé em Deus e na sua vontade. Sobre o assunto, leiamos o seguinte poema do autor:

a lição

vidro vida
pedregosa
pedra rosa
vagarosa

MIL ANOS DIANTE DE VÓS SÃO COMO O DIA
DE ONTEM QUE JÁ SE PASSOU. (Si 89, 4).
(DÍDIMO, 2002, p. 55)

Como podemos observar no poema exposto, a vida é como um vidro, a qualquer momento pode quebrar-se. No entanto, devemos transformá-la em algo forte como uma pedra, porém simples e harmônica como uma flor que, diante das dificuldades, pode brotar no lugar mais imprevisível e viver firmemente. A vida é efêmera. Somente o tempo de Deus é real e certo. Assim, devemos aprender a lição da vida e da fé; o homem deve olhar para as coisas simples da vida; deve tentar sempre recomeçar o seu dia de modo firme, ser perseverante, e não temer os males mundanos, mas sim enfrentá-los sob a proteção de Deus, como bem ressalta o poema abaixo:

a chuva

vou recomeçar
como se fosse uma continuação
como se eu houvesse persistido toda a minha vida
esta tarde nublada não me mete medo
eu aceito
podem dizer a todo mundo que eu aceito
não é preciso subir nem descer
basta que eu fique aqui neste momento
aqui
agora

olhando através das vidraças
a água que começa a correr.

ORAI SEM CESSAR

(1Ts 5, 7)

(DÍDIMO, 2002, p. 21)

O poema sugere que, como homem de fé e temente a Deus, podemos viver o presente de nossas vidas com perseverança e usufruirmos da dádiva divina de coração aberto, uma vez que o homem pode viver o amor em sua plenitude e alcançar, sempre que possível, a graça de Deus. Sob a proteção do Senhor, “a tarde nublada não mete medo”, pois a fé dá ao homem a liberdade que ele necessita para purificar, assim como a chuva purifica a terra, a sua vida mundana e, dessa forma, recomençar a traçar a sua vida como a “água que começa a correr”, seguindo o seu próprio destino. Por isso não devemos deixar de busca a nossa espiritualidade; não devemos deixar o tempo passar sem sentir a luminosidade divina em nosso coração; não devemos deixar que o vazio tome conta de nossas vidas e as trevas invadam o nosso coração; que o mal persista e nos conduza a uma vida sem sentido. Pois a verdade da vida é o Senhor; e o momento de glória é o agora! É o que reforça, por exemplo, o poema abaixo:

momento

a verdade súbito entrevista

no lugar comum

o vazio luminoso abrindo o caminho

de repente

a oração onde antes havia

o oco barroco

do coração

a graça de poder sentir

a vida a vida a vida

somos subitamente nós

depois de tanto tempo

EXULTAREI E ME ALEGRAREI PELA VOSSA
COMPAIXÃO (Si 30,8).

(DÍDIMO, 2002, p. 135)

Sentir e viver a vida e o momento da verdade; sermos nós mesmos e usufruirmos do nosso tempo é sentir a compaixão divina e a presença de Deus como algo elaborado e requintado em nosso coração. O homem deve ser obediente a Deus e buscar a sua auto-afirmação, pois o tempo passa; e a vida também! Tudo pode ser tornar nada; pode se fragmentar; pode desaparecer; pode ser evasivo; pode ser destruído pelo tempo ou por si mesmo, como bem demonstra os seguintes poemas:

durante

desde

quando

?

quando

até

NÃO VOS INQUIETEIS COM NADA

(DÍDIMO, 2002, p. 67)

E,

a mão

as crianças brincam na calçada

os adultos trabalham sonhos confusos

os velhos descrevem longas espirais

a mão do tempo vai construindo

e destruindo.

TODO AQUELE QUE ESTÁ EM CRISTO É UMA

NOVA CRIATURA. PASSOU O QUE ERA VELHO;

EIS QUE TUDO SE FEZ NOVO. (2 Cor 5,7) (DÍDI-

MO, 2002, p. 56)

Vazio e interrogações... As dúvidas pairam sobre o ser humano. O vazio nos inquieta; nos interroga; nos desconstrói. Deixa-nos a mercê dos espaços, do nada. E assim o tempo dá ao homem o seu fim. O tempo ensina que o homem é formado de coisa alguma; que o corpo só reconhece enquanto manifestação do tempo escasso, caminho de merecimento para a verdade, pois é na crença no sagrado, ou seja, de Deus e da verdade que divina, o homem renasce e permanece. Deus é “eternidade e justiça”; a mão que cria é a mesma que destrói.

O Homem, a Transitoriedade da vida e a Morte

Nos poemas de Horácio Dídimo, o viver, como vimos acima, traz “um sentido escatológico”; traz também a premissa de que há sempre algo que nos resta em tudo o que se passa. A vida é apenas um momento complexo, de caminhos tortuosos, repleto de momentos de escolhas, de sim e/ou não, de certo e/ou errado; a vida é mística, curta, duvidosa, dividida, mas de muitas dádivas. Assim, da efemeridade da vida, passamos para o tema da morte, do fim e/ou do eterno. Tudo é “transitório, instável e provisório”, com exceção da palavra divina, como bem ressalta o Pe. F. Sadoç de Araujo (2002), pois esta é eterna, é a verdade; ela envolve a verdade existencial do ser humano – “passará o céu e a terra” (...) “minhas palavras, porém não passarão”. Neste sentido, o homem vive o seu tempo da verdade; tenta refletir sobre a vida e a efemeridade da vida; busca entender o sentido do viver e compreender a grandiosidade das coisas simples da sua permanência na terra, bem como descobrir os mistérios que o envolve, as dualidades, os contrastes, as alienações, os pecados, as dúvidas que trazem marcas indeléveis.

Diante de tais colocações, podemos observar que nas poesias de Horácio Dídimo, o homem acaba descobrindo que o tempo tem o seu preço; que a vida deve ser vivida na sua plenitude e na conquista da fé/Deus; que tudo tem o seu fim; que a morte é a certeza humana; que ela nunca falha e na hora certa, vem e ceifa toda a experiência humana. Revela também que o homem pode viver a eternidade divina, vencer a morte, renascer e conquistar a superação dos seus contrastes, das suas indagações, das suas alienações, pois “é pela conversão ao Senhor que o véu cai e então o homem pode ver o verdadeiro sentido da vida, já que é impossível enxergar antes de fixar o olhar na certeza da fé (...)” (ARAÚJO, 2002, Prefácio, p. 17). É por isso que nos poemas do autor A Palavra (sagrada) e a palavra (humana) são distintas e significativas – enquanto a primeira é eterna, a segunda se desfaz com o tempo e com a finitude humana, com a morte. Leiamos:

predestinação

Muitas pessoas gostariam de saber

Outras suspeitam muito de leve

E ela vem

Com aquela presença que é mais uma distância

Pudesse haver na vida maior tangência

A morte vem depois de algum tempo

Mas a morte não é ela

Ela é mais

Ela é muito além

Ela é sobretudo

A LEI DO ESPÍRITO DA VIDA ME LIBERTOU,
EM JESUS CRISTO, DA LEI DO PECADO E DA
MORTE. (Rm 8,2).

(DÍDIMO, 2002, p. 43)

A morte é o fim temporal da vida humana na terra. O homem já nasce predestinado à morte. Ninguém sabe a hora exata da sua finitude, nem deseja saber, pois ela “vem depois de algum tempo (...) / ela é muito além / ela é sobretudo”. Portanto, nascemos, crescemos e vivemos a vida inteira na busca de coisas que podem nos fazer bem ou mal. No seu devido tempo, como um relógio que marca a hora exata, ela, a morte, chega. E tudo ou quase tudo se finda. Dela ninguém escapa. E com ela começa, para quem acredita na vida eterna, um novo ciclo: o Além-vida.

Concordando com o contexto poético de Horácio Dídimo, autores como Philippe Arriès (1989), José Luiz de Souza Maranhão (2008), Nicola Abbagnano (1998) também afirmam que, assim como o nascimento, a morte é um fato certo e natural. Todos nós devemos morrer independentemente do tempo, do espaço, da classe social ou do *status*. Todos nós, segundo os autores, temos o mesmo destino e o mesmo nívelamento. A morte simplesmente chega, não tem hora, nem lugar, nada. Ela apenas acontece. Faz parte da vida, assim também declara Elizabeth Kübler-Ross (2008), pois morrer, é o maior enfrentamento do homem.

Ninguém quer pensar na morte, mas ela existe no inconsciente humano, como um evento derradeiro. Trata-se da hora grande, do último suspiro, do deixar o mundo e entregar-se ao que vem pela frente, ou seja, aos mistérios da vida após a morte. Diante de tais colocações, vejamos o seguinte poema de Dídimo:

bem se vê
bem se vê que agora é muito grande
é a hora em que o teu sorriso
não pode mais significar
é a hora cansada da derrota
das distâncias constantes
das solidões inapagadas
agora é ficar
ficar e terminar
não dizer nada a ninguém
que já virou ontem
o presente eterno que trouxeste
um dia tinha que ser
e veio um dia que foi

MAS AGORA EM CRISTO JESUS VÓS QUE ANTES ESTÁVEIS LONGE FOSTES APROXIMADOS PELO SANGUE DE CRISTO. (Ef 2,13).
(DÍDIMO, 2002, p. 30)

Como podemos observar no poema a morte é uma realidade transcendente que possui um significado oculto e representa um grande mistério no imaginário da vida humana: “é a hora em que o teu sorriso / não pode mais significar / é a hora cansada da derrota / das distâncias constantes / das solidões inapagadas”. Trata-se do momento em que o homem estaria diante do inevitável: da morte e a sua finitude na terra; da morte e do esquecimento; do virar “ontem”; ou, do começo, para quem acredita, de uma nova vida: a vida eterna no Além, ao lado Deus, unidos pelo sangue de Cristo. Dessa forma, a existência humana estaria resumida ao agora, no presente, uma vez que “um dia tinha que ser / e veio um dia que foi”; o dia em que o homem, inesperadamente, fará a sua caminhada/travessia ao mundo desconhecido da morte, na incerteza dos entre-lugares do Além, deixando para o mundo terreno, apenas a historicidade de suas velhas ideias, como bem percebemos no poema abaixo:

a estrada

vou andando romântico e mancabúzio
cheio de idéias velhas
e sobrenomes antiquíssimos
é esta uma das formas de dizer adeus.

LEVANTA-ME-EI E IREI A MEU PAI E DIR-LHE-
-EI: MEU PAI, PEQUEI CONTRA O CÉU E A TI.
(Lc 15,18).
(DÍDIMO, 2002, p. 22)

A partida para o Além-túmulo, conforme o imaginário coletivo, é um caminho sem volta; e um andar “romântico e mancabúzio”, como bem enfatiza Dídimo. É uma viagem de incertezas, “cheio de ideias velhas (...) uma das formas de dizer adeus”, com destino quase traçado, uma vez que o juízo de Deus está à espera da alma humana, para assim, julgar os seus atos falhos e/ou não falhos cometidos em vida. Como dissemos anteriormente, o corpo humano é frágil. O homem é fraco diante das grandezas do mundo, dos desejos carnavais e das tentações do grande Mal. Dessa forma, o homem vive os seus tormentos, a sua dualidade, a sua angústia de ter e ser, sendo este, alvo das forças maléficas. É preciso ter cuidado para não pecar; e ter a certeza de amar a Deus sobre todas as coisas, para que no futuro, em especial no Além-túmulo, não caia no fogo Infernal e nas garras de Satã. O Céu é para os justos, para os bons de coração; o Inferno, para os imprudentes, os não tementes a Deus, os afastados da Igreja e da palavra divina, dos seres impulsionados pelo mal e pelas riquezas do mundo (LIMA, 2010). Por isso, devemos acreditar em Deus fielmente para assim seguirmos uma travessia segura rumo ao desconhecido da morte e obtermos a nossa salvação:

a barca

pouco antes
de mais nada
a barca
a ida e a volta
o longo percurso
muito mais além
a barca

QUANDO VOS MANDEI SEM BOLSA, SEM MO-
CHILA E SEM CALÇADO, FALTOU-VOS POR-
VENTURA ALGUMA COISA? (Lc 22,35).
(DÍDIMO, 2002, p. 96)

De acordo com a leitura dos fragmentos textuais acima, podemos afirmar que a barca, elemento crucial do texto, é símbolo de transitoriedade. Nela o homem faz a sua travessia, uma vez que a morte é uma grande viagem, uma caminhada sem volta. Algumas palavras e/ou expressões como “a ida e a volta / o longo percurso / muito mais além” comprovam essa lógica. No contexto, elas designam a transitoriedade da vida para o momento da morte. Dessa forma, podemos assim reforçar e aproximar das ideias e concepções da morte estabelecidas por Arriés (1989) como um processo de travessia. Acrescentemos ainda a concepção encontrada no *Dicionário de Símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Cheerbrant (1991), em que a morte, “enquanto símbolo (...), além de perecível e destrutível, (...) é introdutora aos mundos desconhecidos do Inferno ou do Paraíso(...)”. É um processo em que “todas as iniciações atravessam uma fase da morte”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1991, p. 621). E assim, diante da morte e do seu caminhar para um lugar-Além, o homem se redescobre e busca a sua salvação; a sua plenitude; a sua transcendência:

agora

agora vejo o que ri
em cada aqui
agora vejo o que chora
em cada agora

QUE TEU CORAÇÃO DEPOSITE TODA A SUA
CONFIANÇA NO SENHOR! (Pr 3,5).
(DÍDIMO, 2002, p. 106)

Conclusão

A palavra poética de Horácio Dídimo é um dizer mais que audível; é um dizer que silencia e, ao mesmo, transcende; que se propaga de modo reluzente, provocando estrondos, inquietações e transformações

naquele que tem acesso à sua obra, o leitor, convidando-o para fazer uma espécie de reflexão sobre si mesmo, o mundo, a vida; sobre o presente e o futuro inevitável da morte; sobre a Palavra divina, a palavra humana e a essência do homem enquanto criação de Deus. Conforme destaca o Pe. F. Sadoc de Araújo (1984), “Horácio Dídimo, poeta e místico de muitas qualidades, só poderá ser entendido e saboreado por quem o leia com fina sensibilidade e com alguma vivência de fé”, pois toda a sua escritura, sem dúvida alguma, é inspirada por Deus e na sua plenitude espiritual enquanto aquele que vive os mistérios da vida; que sente o tempo que passa; que sente a verdade da premissa; e que se refaz enquanto poeta e criador de palavras.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AGOSTINHO, Santo. *O Livre-Arbitrio*. 5 ed. Trad. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2008.

ARAÚJO, Francisco Sadoc de. Prefácio. In: DÍDIMO, Horácio. *Amor Palavra que muda de Cor*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

_____. “A mensagem de um poeta místico”. In: *A Palavra e a palavra*. 3ª edição, Fortaleza: Editora UFC, 2002.

ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

40,005 *O Homem diante da morte*. Vol. I. Trad.: Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: F. Alves, 1989.

_____. *O Homem diante da morte*. Vol. II. Trad.: Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: F. Alves, 1989.

DÍDIMO, Horácio. *A Palavra e a palavra*. 3 ed. ampliada, Fortaleza: Editora UFC, 2002.

_____. *Amor Palavra que Muda de Cor*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

_____. *O Livro dos Sonetinhos*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.

KUBLER-ROSS, Elizabeth. *Sobre a Morte e o Morrer*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LIMA, Francisco Wellington Rodrigues. *A Representação do diabo no teatro vicentino e seus aspectos residuais no teatro quinhentista do Padre José de Anchieta e no contemporâneo de Ariano Suassuna*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, Ceará, 2010.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. *O que é Morte?* 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

SILVA, Fernanda Maria Diniz da. *Tradição e Modernidade na Produção Poética de Roberto Pontes*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, Ceará, 2017.